


IPN

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS



A Saga dos Pretos Novos

Sítio Arqueológico Cemitério dos Pretos Novos
Archaeological Site Cemetery of Newly Arrived Slaves



Texto:

Ana Maria De La Merced G.G.G. dos Anjos
Julio Cesar Medeiros da Silva Pereira

Texto de apresentação:

Haidar Abu Talib

Editoração:

Marco Antonio Teobaldo

Revisão histórica:

Júlio César Medeiros da Silva Pereira

Tradução de texto:

Autumn Barrett

Projeto gráfico:

Artes e Artistas - Renato Martins

Fotos da primeira escavação:

A. Malheiros.

Fotos dentes limados:

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
(SEDREPACH/SMC-AGCRJ)

Imagens de escravos:

Victor Frond (acervo Biblioteca Nacional)

Produção:

Quimera Empreendimentos Culturais

FICHA CATALOGRÁFICA

Anjos, Ana Maria De La Merced G.G.G. dos;
Pereira, Júlio César Medeiros da Silva.
A Saga dos Pretos Novos. Rio de Janeiro:
Governo do Rio de Janeiro - Secretaria de
Cultura, 4ª edição, 2011; 20 páginas;
tiragem 3.000 exemplares.

1. Escravidão, 2. Morte, 3. Sepultamentos.



INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS

O Cemitério dos Pretos Novos (1769 - 1830) foi descoberto em janeiro de 1996, por ocasião de uma obra na Rua Pedro Ernesto, número 36, antigo Caminho do Cemitério e posteriormente Rua da Harmonia, no bairro da Gamboa, Zona Portuária do Rio Antigo. Essa região era conhecida, em meados do século XIX, como A Pequena África, por nela existir a maior concentração de africanos fora da África. Neste local – que hoje se estabelece como sítio arqueológico e histórico - estão depositados os restos mortais de milhares de africanos (todos mantidos anônimos) trazidos à força de suas terras de origem para o Brasil. A maioria dos recém chegados ao porto morriam no período de quarentena, outros tantos, em menor quantidade, durante o processo de exploração do trabalho escravo.

O IPN foi criado em 13 de maio de 2005, pouco menos de 10 anos após a descoberta do sítio arqueológico. O instituto tem por finalidade propor reflexões, estimular projetos educativos e de pesquisa, para a preservação da memória relacionada ao período da escravidão legal, com seus desdobramentos nos dias atuais. Para tanto, confecciona publicações impressas e em outras mídias, para promover o entendimento das circunstâncias e das questões sociais resultantes da escravidão. Razão pela qual promove eventos diversos, tais como ciclos de palestras, cursos, simpósios, seminários, fóruns, exposições.

Reconhecido como organização de Utilidade Pública pela Lei 4.822 de 07/05/2008, publicado em Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, em 09/05/2008, o IPN é mantido, em grande parte, pelo esforço do casal Guimarães, auxiliado pelo trabalho de voluntários de diversos segmentos da sociedade civil, identificados com os ideais da promoção da igualdade racial e social do Brasil.



Vencedor do
PRÊMIO RODRIGO MELO
FRANCO DE ANDRADE
IPHAN 2010

Os Pretos Novos

"Filha de uma escrava Thereza"	Joaquim Congo
Adão "Escravo de Hum Padre"	Joaquim (marinheiro da galera Amália Joaquina)
Albina da Nação Conga	Jorge
Angélica	José Congo
Antonio Cabinada (marinheiro do bergantim Dezengano)	José de Benguela
Antônio Sacanhema	Gabriel Mixicongo
Candido Pardo	Julia Lenadro
Carlos Pardo	Leocádia
Catharina	Luiza
Cosme	Manoel Congo
Davi (Crioulo)	Manoel de Nação Mojolo
Domingos Bengo	Marcos (Crioulo)
Estevão	Maria
Eva	Maria da Nação Moçambique
Felipe Angola	Mathias
Francisco	Maximiliano de Nação Benguela
Francisca	Miguel
Francisca Benama	Rita
Francisco Calabar	Roque
Francisco Camundongo	Roza
Geralda	Silvana
Henriqueta	Thereza da Conceição
Januário (Crioulo)	Thomaz de Nação
João Alves da Cruz	Cabinda
João Antonio	Ventura
João Congo	
Joaquim	



Estes nomes foram encontrados no Livro de Óbitos da Freguesia de Santa Rita, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Apresentação

Em 1996, na Rua Pedro Ernesto, número 36, bairro da Gamboa, no Rio de Janeiro, foi descoberto o Cemitério dos Pretos Novos, do qual não se tinha a exata localização. Tal cemitério era destinado ao sepultamento de escravos africanos recém-chegados no porto do Rio de Janeiro, do século XVIII ao século XIX, no qual os sepultamentos eram precariamente realizados. Amontoavam-se os corpos no centro do terreno, por lá permaneciam até que fossem enterrados e posteriormente queimados. O cemitério foi fechado em 1830, depois de várias reclamações dos moradores. De acordo com registros encontrados no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, somente de 1824 a 1830, foram sepultados 6.122 pretos novos, sendo 60% de homens, 30% de mulheres e 10% de jovens e crianças.

Tráfico de Escravos

Há muitos anos atrás, do continente africano, milhares de negros foram vendidos para outros países na condição de escravos, dando origem a grande diáspora africana.

Cerca de dez milhões, destes negros escravizados, foram trazidos para as Américas. Destes, aproximadamente seis milhões vieram para o Brasil a fim de serem empregados na lavoura açucareira, na mineração e no plantio de café. Dos africanos que vieram para cá, cerca de 60% foram enviados para a região sudeste. Muitos deles eram do grupo lingüístico e cultural que ficou conhecido por banto.

Na costa africana, a chegada do navio negreiro trazia prenúncios que continham significados vários. Para os mercados, era a hora de reabrir o mercado, momento de ganhar dinheiro e a conclusão de uma empreitada de vários dias e até meses. Mas para os escravos, que se apertavam em barracões de bambu, de 65 m de comprimento por 25 m de largura, presos dois a dois pelos tornozelos quando homens e, se mulheres, presas pelo pescoço, o navio que observavam por entre as frestas do barracão surgia como um "tumbeiro", um transporte desconhecido em suas proporções que os levaria em direção ao mundo dos mortos.

Os navios chegavam a transportar em certas ocasiões 400 escravos, mais provisões e cargas de vários tipos. Eles eram presos nos porões deitados dois a dois, crianças, mulheres e idosos todos juntos como participantes de um mesmo sofrimento. Não havia separação entre doentes e os sãos. Neste local, o escorbuto e a varíola faziam mortos às dezenas.

Para evitar que as doenças se proliferassem na cidade, os Jesuítas cederam a Ilha de Villegagnon para que servisse de posto de quarentena aos negreiros vindos do continente africa-

no, e que por esse motivo, na época, a ilha ficou conhecida como o "degrede das bexigas". No século XVIII, o Rio de Janeiro viria a se tornar o maior mercado de escravos do Brasil, sobretudo após o início do processo de exploração do ouro em Minas Gerais, que basicamente utilizava a mão de obra escrava.

Os cativos recém chegados, ainda não "amansados", eram chamados de Pretos Novos ou bossais, depois de adaptados eram chamados de ladinos. Já os nascidos no Brasil eram chamados de crioulos.

Mercado de Escravos Praça XV

Após desembarcarem na alfândega, os escravos eram levados aos depósitos, localizados à Rua Direita (atual Primeiro de Março). Estes mesmos lugares eram os mercados onde durante o dia homens, mulheres e crianças eram expostas à venda nas calçadas. Desde o início do tráfico de escravos até os anos de 1769, a situação de comercialização de escravos na cidade manteve-se inalterada. Naquele momento, o Cemitério dos Pretos Novos funcionava em frente à Igreja de Santa Rita, hoje situada no Largo de Santa Rita s/n, centro do Rio.

Mercado de Escravos Valongo

O Marquês do Lavradio (1769 -1779) transferiu o mercado de escravos junto com o Cemitério dos Pretos Novos para o Valongo, que ali se conservou até a extinção do tráfico.

O desembarque de escravos era efetuado pelo atracadouro, que servia para este fim aos navios negreiros, desde o final do século XVIII. O atracadouro ficava onde é hoje a atual Avenida Barão de Tefé, Praça do Comércio, próximo ao obelisco que demarca o local onde foi o cais da Imperatriz.

Não só os africanos recém-chegados eram expostos à venda nesse mercado de escravos. Quando desgostosos com algum cativo, por insubordinação ou algum vício, os senhores os mandavam para o mercado de escravos expondo-os à venda no Valongo ou no Valonguinho, que lhe ficava anexo.

Cemitério de Escravos

O histórico dos sepultamentos de escravos no Rio de Janeiro remonta ao século XVII, quando havia um pequeno cemitério, junto ao morro do Castelo, nos fundos do hospital da Santa Casa de Misericórdia, no qual eram enterrados os escravos africanos, seus descendentes, indigentes e os brancos pobres que morriam no hospital. Entretanto, a partir de 1700, o cemitério não mais comportava o grande número de enterros de escravos, tendo em vista o incremento do tráfico negreiro, cada vez mais intenso.

Para resolver este problema o Governador na época determinou que fosse criado um cemitério somente de pretos novos (escravos recém-chegados), no Largo da Igreja de Santa Rita, e assim se fez.

Em 1769, o Cemitério dos Pretos Novos foi transferido para o antigo Caminho do Cemitério, que depois passou a se chamar Rua da Harmonia e atual Rua Pedro Ernesto.

A Descoberta do Cemitério dos Pretos Novos

Em janeiro de 1996, na residência situada à Rua Pedro Ernesto, 36, na Gamboa, os pedreiros que faziam uma reforma no local perceberam que algo mais do que o chão era quebrado, pois apareciam ossos humanos juntos à terra revolvida cada vez que uma pá atingia o solo.

A prefeitura foi acionada e chegaram à conclusão sobre o motivo de várias ossadas terem sido descobertas naquele local: aquele era o Cemitério dos Pretos Novos, do qual há muito se havia perdido a localização. E assim, o sítio arqueológico se revelou como um testemunho histórico da forma pela qual os escravos que morriam nos barracões do Valongo, onde se situava o maior mercado de escravos durante os séculos XVII e XIX.

Vários viajantes, dentre eles o alemão Freireyss, descreveram, escandalizados, o Cemitério dos Pretos Novos e a forma pela qual os escravos eram enterrados.

O Cemitério (que originalmente havia sido criado em 1722, em frente ao Largo de Santa Rita, e posteriormente transferido em 1769, para o Valongo e lá permaneceu até 1830) recebeu grande quantidade de escravos recém-chegados, pois de 1824 a 1830, foram sepultados cerca de 6.000 corpos em um espaço físico de aproximadamente 50 braças em quadra (110 metros).

Os registros foram arrolados no Livro de Óbitos da Freguesia de Santa Rita, responsável pelo campo santo. Neste livro de óbitos, encontramos os seus respectivos navios, suas nações ou portos de origem, os donos e a idade dos "escravos novos", bem como as marcas que os mesmo recebiam por ocasião do embarque em seus tumbeiros.

O Achado Arqueológico

Depois da descoberta do cemitério, várias pesquisas vêm sendo feitas no sentido de se encontrar mais informações relevantes sobre os escravos recém chegados ao Brasil. Foram encontrados no Cemitério dos Pretos Novos diversos artefatos de ferro, comprovando a capacidade dos africanos, com relação à produção da metalurgia, bem como instrumentos que poderiam ser do uso diário tais como pontas de lança, argolas e colares que usavam como seus paramentos. Contas de vi-

dro, artefatos de barro (como cachimbos, por exemplo), porcelanas e conchas também foram encontradas durante as escavações. Uma pesquisa recente no Livro de Óbitos do Cemitério dos Pretos Novos comprovou que muitos escravos foram sepultados com contas no pescoço, tais paramentos serviam para distinguir as etnias ou marcar uma determinada posição dentro do grupo social.

Finalmente, não só os aspectos da vida material africana foram desvelados, mas os próprios ossos dos escravos foram analisados a fim de que se pudesse, à luz da arqueologia, verificar quem eram os sepultados ali.

Foi feito o salvamento de 28 ossadas, predominado entre elas, jovens do sexo masculino, com idade estimada entre 18 e 25 anos, assim como adolescentes entre 12 e 18 anos e crianças entre 03 e 10 anos.

Por outro lado, a análise no universo de 5.563 fragmentos indicou que muitos ossos apresentavam marcas de queimação, ou seja, foram queimados após a descarnação. O que confirma os relatos dos viajantes que diziam que os corpos eram carbonizados, devido ao grande número de indivíduos a serem sepultados.

Uma característica importante foi descoberta a partir de exames na arcada dentária de ossos salvos. Trata-se de uma marca tribal comum entre os angolas: os dentes limados. Entalhes feitos nos dentes da arcada superior eram feitos em várias tribos a fim de definirem os ritos de passagem, ou a distinção de determinados grupos sociais, uma prática corriqueira entre os bantos. O que vem a confirmar as pesquisas históricas que indicam que maioria dos sepultados no Cemitério dos Pretos Novos era de origem banto.

Conclusão

Preservar a memória dos nossos antepassados sepultados no Cemitério dos Pretos Novos é um dever de todo cidadão, já que o sangue derramado nesta terra contribuiu em grande medida para a formação da nação brasileira. Sem este sangue derramado, a semente da liberdade conquistada jamais poderia germinar.

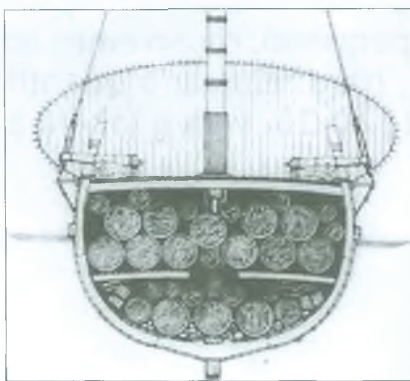
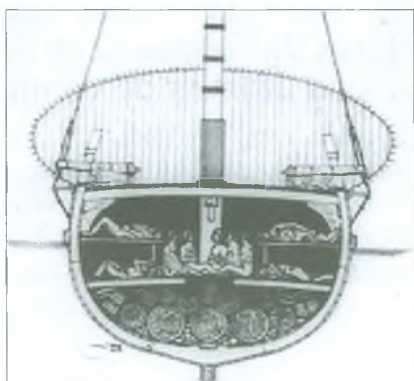
Muito ainda deve ser feito para combater o preconceito racial, a intolerância religiosa e a desigualdade social, para que possamos viver de fato em uma pátria livre.

Acondicionamento dos Escravos nos Navios Negreiros

Os navios chegavam a transportar em certas ocasiões 400 escravos, mais provisões e cargas de vários tipos.

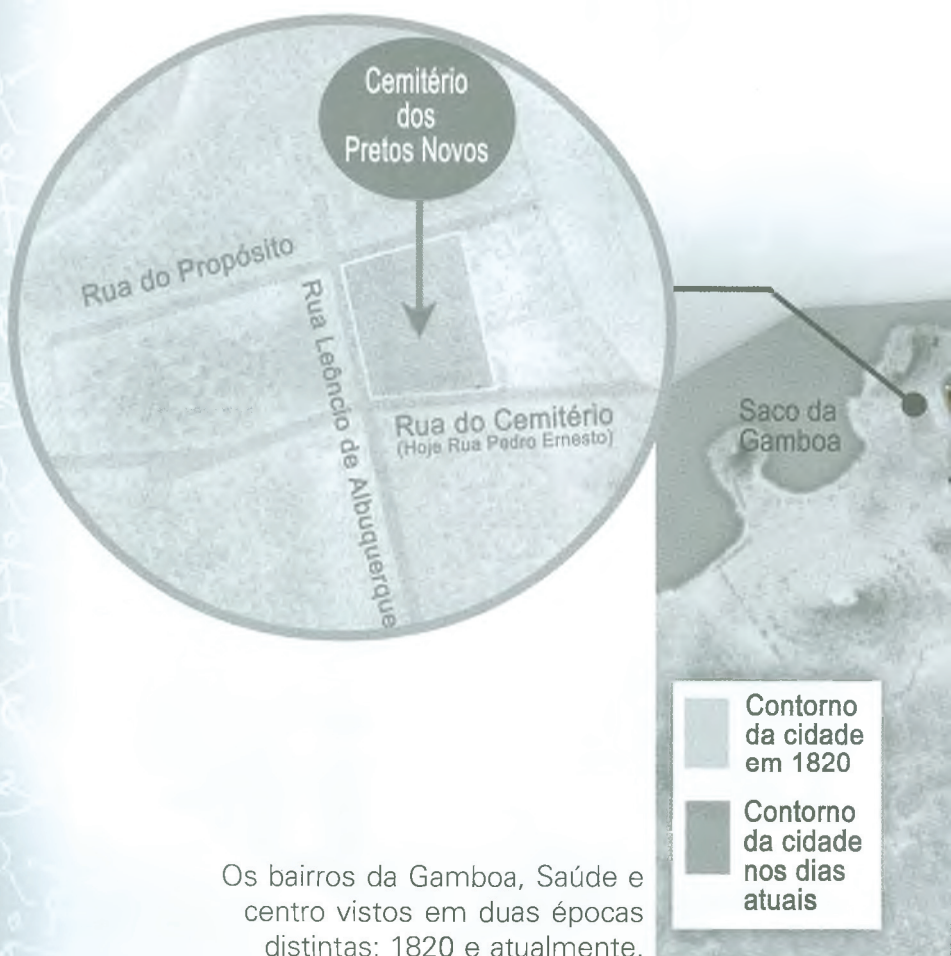
Os escravos eram presos nos porões deitados dois a dois, crianças, mulheres e idosos todos juntos como participantes de um mesmo sofrimento. Não havia separação entre doentes e os sãos. Neste local, o escorbuto e a varíola faziam mortos às dezenas.

Corte Navio Negreiro



Sepultamentos no Cemitério dos Pretos Novos

Com a chegada da família real e a sua corte ao Brasil, em 1808, houve um considerável crescimento populacional, bem como se intensificou o tráfico negreiro. Sabe-se que no Brasil, os sepultamentos durante o período colonial e parte do Império eram realizados nas igrejas; nesse tempo, a ideia da “boa morte” ainda estava vinculada ao momento da morte da pessoa e o seu local de sepultamento. Dentro de uma mentalidade ainda marcada pela época medieval, estar enterrado em uma igreja era estar perto de Deus, o que significava uma maior possibilidade de uma vida feliz no além. Assim, as igrejas no Brasil, recebiam os corpos de seus fiéis desde que tivessem sido, na vida secular, pessoas de certa posição social, e que os seus pudessem arcar com as despesas do sepultamento. Quanto mais alta a posição social do defunto, maior sua proximidade com o templo, quando não do próprio altar. Contudo, os escravos inseridos no mesmo contexto sócio cultural da época almejavam também ser enterrados nos templos. Muito embora esse ritual para eles pudesse ter outra conotação, eles somente conseguiam ser sepultados em igrejas por intermédio das Irmandades, as quais propiciavam aos seus membros um sepultamento dentro dos padrões tidos como dignos. Todavia, os corpos dos escravos chamados pretos novos, os quais ainda não havi-



Os bairros da Gamboa, Saúde e centro vistos em duas épocas distintas: 1820 e atualmente.

am sido inseridos no contexto social – mesmo que já tivessem recebido o batismo cristão ocidental, quer fosse na África ou nos porões dos navios negreiros - eram simplesmente lançados à terra. Era esse o caso do Cemitério dos Pretos Novos, no qual as condições de sepultamento eram precárias. Para se ter uma idéia de como era alto o número de escravos sepultados, em uma área tão pequena, recorremos ao Livro de Óbitos da Freguesia de Santa Rita, para realizar a aferição dos seis últimos anos do cemitério, no período de 1824 a 1830:

Anos	Ladinos		Pretos Novos		Total	
	#	%	#	%	#	%
1824	2	0,03	25	0.40	27	0,43
1825	74	1,20	1023	16,71	1.097	17,92
1826	50	0,81	1.483	24,23	1.533	25,04
1827	42	0,68	721	11,78	763	12,43
1828	74	0,68	1945	31,78	2.019	32,98
1829	9	0,14	654	10,26	663	10,5
1830	0	00	17	0,27	17	100
Total	251	4,07	5.868	95,53	6.119	100



Descoberta do Cemitério



Foto: E. Carvalho (1996)

Registro das primeiras escavações de 1996.



Foto: A. Iavelina (2001).

Foto E. Carvalho (1996)



CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS

1769 / 1830

61 anos de funcionamento

1830 / 1996

166 anos de esquecimento

1996

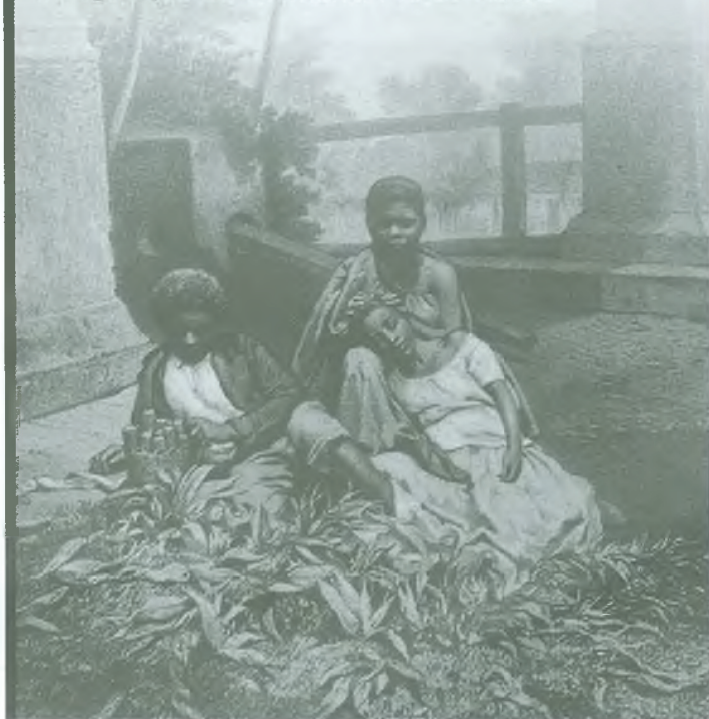
Descoberta e início de um trabalho de resistência, preservação, divulgação e investigação

2005

Fundação do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

2011

Inauguração do Memorial Pretos Novos



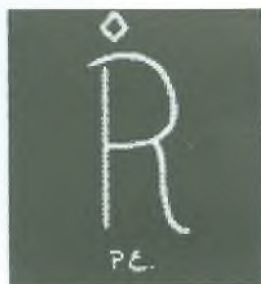
Walter F. F. - Escravos RJU, 1984

Marcados a Ferro e Fogo

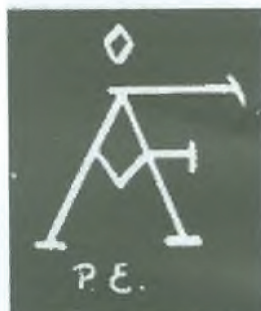
Marcas usadas para a identificação do escravo

(Fonte: Livro de Óbitos Freguesia de Santa Rita - 1824 a 1830 - Arquivo Cúria Metropolitana. RJ)

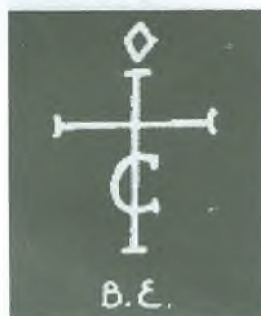
Marca em escravo trazido de Moçambique, no bergantim (navio negreiro) Seis de Fevereiro, pertencente à Jose Lopes da Costa Moreira Junior e enterrado no Cemitério dos Pretos Novos. P. E. significa que o escravo tinha essa marca gravada a ferro em brasa no peito esquerdo.



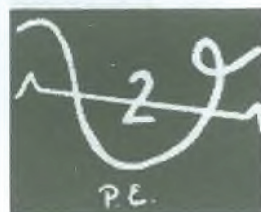
Marca em escravo trazido de Benguela, em 1824, no bergantim (navio negreiro) Dezengano e enterrado no Cemitério dos Pretos Novos amando de Joaquim Antonio Ferreira. P. E. (peito esquerdo.)



A marca identifica escravos provavelmente pertencentes a Joaquim Ferreira dos Santos, e enterrado a mando de Manoel Francisco dos Santos. Vieram no bergantim Primorozo Divino de procedência desconhecida. B. E. (braço esquerdo).



A marca identifica escravo pertencente a Joaquim Antonio Ferreira, trazido de Benguela na Galera Imperador. P. E. (peito esquerdo).



Marcas de ferro encontradas em Nova York, EUA.

Dentes Entalhados

A prática de entalhar e limar os dentes é um costume bastante difundido na África Central Atlântica.

No sítio arqueológico onde se localiza o Cemitério dos Pretos Novos, foi encontrada uma grande quantidade de dentes entalhados, que posteriormente foram levados para análise.

Padrão de entalhe



[a-b] dente incisivo central superior esquerdo com extremidade pontiaguda e outro arredondado. Indivíduo adulto.

Vista bucal [a] e lingual [b] [aumento 6 x]

Patologia Dentária



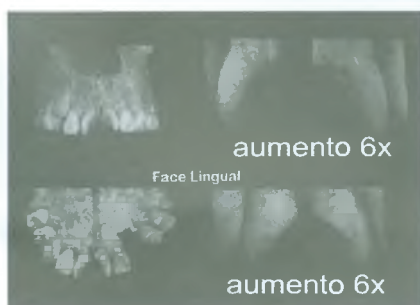
Cáries em dentes molares da mandíbula de adulto entre 25 e 35 anos de idade.

[a] dentes *in situ* no alvéolo: cárie cervical.

[b] dente avulso: cárie oclusal.

[c] dentes molares: depósitos de tártaro.

Dentes Entalhados Face Bucal



Incisivos centrais *in situ* em mandíbula superior.

Detalhes [aumento 6 x] vista bucal e lingual.

Fotos M. Malheiros [2001]

(Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, SEDREPACH/SMC-AGCRJ).



Roteiro de Importância Histórica e Étnica

1 - RUA DA ALFÂNDEGA

Renomeada em 1716 – Desembarque de escravos.

2 - PRAÇA XV

RUA 1º DE MARÇO (antiga Rua Direita) – Ponto de fixação do Mercado de Escravos. Monumento a JOÃO CANDIDO FELISBERTO Revolta da Chibata 22 a 27 de Novembro 1910. (monumento erigido em 20 de novembro de 2008).

3 - VILLEGAGNON

Os Jesuítas cederam a Ilha de Villegagnon, para evitar que se proliferassem na cidade o escorbuto e a varíola. A ilha se tornou posto de quarentena aos negreiros vindos do continente africano, é por esse motivo, que o lugar ficou conhecida como o “degredo das bexigas”.

4 - RUA DA QUITANDA

Rua em que existia um mercado onde os escravos de ganho vendiam as mercadorias de seus senhores em tabuleiros, tais escravos eram chamados de Negros de Ganho. (a palavra quitanda vem do kimbundo onde quer dizer: venda; feira).

5 - RUA URUGUAIANA

O marco nesta rua é a famosa Igreja do Rosário, onde existia a Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Os escravos pertencentes à irmandade Nossa Senhora do Rosário eram enterrados no adro da igreja.

6 - RUA DO ROSÁRIO

Antiga Rua dos Pretos, Quitanda Velha. Ali existia a venda de mercadoria pelos negros de ganho.

7 - IGREJA DE SANTA RITA

Antigo Cemitério de Escravos Ladinos e Pretos Novos, antes da sua transferência para o Valongo junto com o Mercado.

8 - CAIS DO VALONGO

Local de desembarque de Escravo. Atual Avenida Barão de Tefé, Praça Jornal do Comércio. Ainda hoje, vemos o obelisco que demarca o Cais da Imperatriz que foi construído no ano de 1843.

9 - RUA DO VALONGO

Atual Rua do Camerino. Nela se localizou o mercado de compra e venda escravos, a partir de 1769, por ordem do Vice – Rei Marquês do Lavradio.

10 - RUA BARÃO DE SÃO FÉLIX.

Local onde surgem as primeiras Casas de Santo, a exemplo de João Alabá dentre outros, na qual foram iniciadas várias mães-de-santo, que nos anos seguintes atuariam na Região. No terreiro de João Alabá, Davina Maria Pereira, primeira filha-de-santo de Procópio D'Ogun foi a última mãe-de-santo do terreiro de João Alabá.

O Islamismo era praticado de uma forma muito discreta, devido à grande intolerância religiosa. No Rio de Janeiro do início do século XIX, havia ali uma construção assobradada onde os mulçumanos faziam as suas orações.

11 - PEDRA DO SAL

Antigo reduto de sambistas tais como: João da Baiana e Heitor dos Prazeres. O bairro era habitado por baianos e africanos recém-chegados ao Rio de Janeiro.



12 - LADEIRA DO LIVRAMENTO - CASA DE MACHADO DE ASSIS

Machado é um dos maiores escritores brasileiros. Não pertenceu a nenhuma escola literária (diz-se que seu estilo é puramente machadiano), mas a despeito de todas as dificuldades, escreveu obras memoráveis. Filho do mulato Francisco José de Assis, pintor de paredes e descendente de escravos alforriados, e de Maria Leopoldina Machado, uma portuguesa da Ilha de São Miguel. Machado de Assis passou a infância na chácara de D. Maria José Barroso Pereira, viúva

do senador Bento Barroso Pereira, na Ladeira Nova do Livramento, onde sua família morava como agregada.

13 - BARRICADA DA SAÚDE. REVOLTA DA VACINA - 1904

Horácio Jose da Silva era um crioulo de uns 30 anos presumíveis, e atendia pelo vulgo de Prata Preta, foi com este apelido que ele entrou para história ao ser aclamado chefe das barricadas e trincheiras da Rua da Harmonia, atual Rua Pedro Ernesto, para lutar contra a imposição da vacina obrigatória de Oswaldo Cruz.

14 - CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS

Atual Rua Pedro Ernesto, Local destinado pelo Vice-Rei, Marquês do Lavradio, para o sepultamento dos cativos recém-chegados da África, denominados na época de Pretos Novos.

Atualmente é o Memorial dos Pretos Novos e sede do Instituto Pesquisa e Memorial Pretos Novos.

15 - CENTRO CULTURAL MUNICIPAL JOSÉ BONIFÁCIO

Centro de Memória Pesquisa e Documentação da Cultura Afro-brasileira. O Centro está instalado em um prédio neoclássico, típico da arquitetura urbana do Segundo Reinado. Construído em 1877 para funcionamento da Escola José Bonifácio, trata-se de importante monumento arquitetônico do século XIX, tombado pelo Patrimônio Histórico do Rio de Janeiro.

16 - CIDADE DO SAMBA

Uma ideia na cabeça e o Samba no pé levaram idealistas como Ismael Silva, Paulo da Portela, Donga, Cartola, Heitor dos Prazeres. João da Baiana, dentre outros a origem de uma Cidade do Samba.

Victor Frond - Escravos (RJ) 1858



Bibliografia

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

EMBRATUR. Rio Antigo – Roteiro Turístico-Cultural do Centro da Cidade. Rio de Janeiro: AGGS 1979.

FAZENDA, Dr. José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. Vol. 147, tomo 93 da RIHGB Rio de Janeiro, Imprensa nacional, 1927.

MACHADO, Lilia Cheuiche, Sítio Cemitério dos Pretos Novos, Análise Biocultural. Interpretando os Ossos e os Dentes Humanos. In: DIAS, O, CARVALHO, E; ZIMMERMANN, M. Estudos Contemporâneos de Arqueologia. Palmas, Fundação Universidade do Tocantins-UNITTIS/Instituto de Arqueologia Brasileira, s/d.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. À Flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond/prefeitura do Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África, Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Editora da UFRJ, 2003, pp. 177-186.

Fonte eletrônica:

www.samba-choro.com.br – O Samba em João do Rio, por Tia Ciata.

Blog de um sem mídia: HISTÓRIA

www.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis



INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS

RUA PEDRO ERNESTO, 32/34 - GAMBOA

RIO JANEIRO - BRASIL - CEP 20.220-350

Telefone: +55 21 2516-7089

www.pretosnovos.com.br – pretosnovos@pretosnovos.com.br



IPN

Patrocínio Apoio Realização

